



DESAFIOS DA OPÇÃO DESCOLONIAL HOJE

Francine Carla de Salles Cunha Rojas¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: O artigo visa desenvolver a proposta de um ensaio biográfico fronteiro sob o viés da crítica biográfica fronteiriça. Nesse sentido, mobilizamos o conceito cunhado por Walter Mignolo, “opção descolonial”, a fim de explicitarmos que a *teorização* acerca da colonialidade é uma forma de ensaio possibilitado pelas escolhas epistemológicas descoloniais feitas por aqueles pensadores que emergem de lugares alocados como receptores de teorias. No mais, a escolha conceitual emerge em meio a um contexto histórico específico, o (des)governo que imperou no Brasil desde janeiro de 2019 até 2022, no qual legados coloniais foram endossados e propagados como se fossem motivo de orgulho e mérito. Em suma, o artigo transcorre em diálogo com as considerações de Gloria Anzaldúa (2019) e Walter Mignolo (2007, 2008, 2017, 2020), críticos que emergem de um lócus geohistórico (México e Argentina respectivamente) instituídos como produto de cultura.

Palavras-chave: Ensaio biográfico; Teorizações; Opções descoloniais; Colonialidade.

CHALLENGES OF THE DESCOLONIAL OPTION TODAY

Abstract: *The article aims to develop the proposal of a borderline biographical essay under the bias of borderline biographical criticism. In this sense, we mobilize the concept coined by Walter Mignolo, “decolonial option”, in order to explain that theorizing about coloniality is a form of essay made possible by the decolonial epistemological choices made by those thinkers who emerge from places allocated as theory receivers. Moreover, the conceptual choice emerges in the midst of a specific historical context, the (mis)government that prevailed in Brazil from January 2019 to 2022, in which colonial legacies were endorsed and propagated as if they were a reason for pride and merit. In short, the article takes place in dialogue with the considerations of Gloria Anzaldúa (2019) and Walter Mignolo (2007, 2008, 2017, 2020), critics who emerge from a geohistorical locus (Mexico and Argentina respectively) instituted as a product of culture.*

Keywords: *Biographical essay; Theorizations; Decolonial options; Coloniality.*

1 Doutoranda - PPGEL/FAALC/UFMS; bolsista CAPES. ORCID: 0000-0002-1647-699X.

2 Professor da graduação em Letras e do PPGEL/FAALC/UFMS. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 2. ORCID: 0000-0002-8180-585X.

Uma proposta ensaística descolonial

Não há *teorização* sem corpo e sensibilidade, disso já nos lembrava Walter Mignolo, ao assinalar que a inscrição da experiência subalterna por parte do crítico era uma prática essencial para desaprender e, portanto, desprender-se das formas de conhecimento concebidas pelas ficções modernas (MIGNOLO, 2008). Gloria Anzaldúa, a seu modo, aponta nessa mesma direção ao condicionar o significado e o valor de sua escrita ao *nível de nudez* revelada em seu interior (ANZALDÚA, 2019, p. 92) e ao atrelar sua experivivência na fronteira entre México e Estados Unidos a uma ferida aberta que sangra e forma um terceiro país, uma cultura de fronteira (ANZALDÚA, 2016, p. 42). Gunther Rodolfo Kusch, filósofo argentino responsável por cunhar o conceito de *pensamento próprio*, é lembrado pela sua *consciência mestiça* (MIGNOLO, 2008a, p. 302), visto que era um filósofo latino descendente de alemães, cuja língua materna, o espanhol argentino, em que publicou suas obras, era de uma *gramática* diferente do espanhol peninsular, e pelo seu projeto intelectual guiado pelo objetivo de desenvolver uma teorização calcada na sabedoria popular e indígena. Por fim, Edgar Cezar Nolasco endossa o que venho tentando dizer ao constatar que, para aprender a desprender a pensar teoricamente *a partir do* lócus no qual nos encontramos, precisamos aprender a falar sobre o *bios* e o corpo, visto que a pesquisa tem alma (NOLASCO, 2018, p. 19). Menciono quatro críticos latinos de uma ampla plêiade de autores, com os quais conversarei ao longo da proposta, não por acaso, mas para atestar que o *processo de pensamento* é indissociável da experiência subalterna e do pensamento descolonial. Creio que, por hora, faz-se clara a relação que possibilita a emergência do conceito principal desse artigo.

Dessa forma prossigo as considerações que venho desenvolvendo já há algum tempo³ e que convergem para a conceituação do ensaio biográfico fronteiriço como um *processo de pensamento* possível para aqueles que vivem e sabem que vivem sob a dominação colonial e procuram desenvolver opções nas quais os conhecimentos e as formas de existências não sejam referenciados. Nesses termos a definição⁴ proposta por Theodor W. Adorno, em “O ensaio como forma”, segundo a qual o *ensaio ruim* fala de pessoas e o *bom ensaio* se volta para a análise do objeto auxilia-me na medida em que sintetiza a percepção moderna que desperta, em mim, uma reação de desobediência e

³ Refiro-me ao período do primeiro semestre de 2022, em que cursei a disciplina “Teorias sem disciplina” e desenvolvi ensaio acerca da gramática do ensaio biográfico fronteiriço e do conceito de desprendimento.

⁴ No texto “O ensaio como forma”, Adorno afirma que “A forma, no entanto, tem sua parcela de culpa no fato de o ensaio ruim falar de pessoas, em vez de desvendar o objeto em questão” (ADORNO. O ensaio como forma, p. 20).

desprendimento, sobretudo por corresponder a uma percepção do ensaio da qual não partilho.

Uma vez que o ensaio moderno não se voltou para as consequências da modernidade, e nem mesmo poderia fazer, dado o contexto que o cerca, que não tenha se debruçado sobre os corpos e sensibilidades subjugadas dos *anthropos* é uma consequência da colonialidade. Em síntese, a tese que desenvolvo, desde 2020, no PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens), e vinculada ao grupo de pesquisa NECC, volta-se para aquilo que o *bom ensaio*, segundo a perspectiva de Adorno, exclui: o corpo. Minha tese é a de que o ensaio biográfico fronteiro é *um processo de pensamento que os que vivem sob a dominação colonial podem empreender para negociar sua condição subalterna* (MIGNOLO, 2020, p. 160). Prossigo o desenvolvimento da tese, delinear o ensaio biográfico fronteiro, ao engendrar uma proposta, sob a égide da crítica biográfica fronteira, voltada para o conceito de *opção descolonial*. Outros conceitos que circundam a *opção descolonial* serão mencionados no decorrer do texto.

Desafios das opções descoloniais

Daqui em diante, a opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e con-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à descolonial.

(MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje⁵, p. 31).

Quais são os desafios das opções descoloniais hoje?

Faço essa pergunta circunscrita a um *lócus* específico, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), instituição a qual frequento há muitos anos, e após uma profunda e necessária mudança de projeto em comparação à dissertação de mestrado desenvolvida entre 2014 e 2016, no seio do PPGMEL (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens)⁶, acerca das correspondências dos escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector, publicadas no livro *Cartas perto do coração* (2011), atravessada pela crítica biográfica, e, anterior ao mestrado, em comparação às

⁵ No texto “Desafios decoloniais hoje”, Walter Mignolo opta, por uma questão linguística, pelo termo *decolonial*, contudo dada a tradução, para o português, do conceito para *descolonial*, é essa última denominação que será desenvolvida nesse ensaio.

⁶ Com a inauguração do doutorado em Campo Grande, em 2019, o Programa anteriormente conhecido como PPGMEL mudou sua rubrica para PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens).

pesquisas que desenvolvi como pesquisadora PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) sobre o mesmo *objeto* do mestrado.

A pergunta que faço não se circunscreve somente ao âmbito do conhecimento e da esfera universitária. Interrogar-me acerca dos desafios das opções descoloniais torna-se possível e necessário também pelo contexto histórico que me atravessa, no qual emergem vozes dissonantes a convivialidade e que vociferam legados e feridas coloniais como se conclamassem um legado do qual se orgulhar.

Nesse sentido, a pesquisa que desenvolvo no doutorado acerca do ensaio biográfico fronteiro é uma opção descolonial feita ao não mais reconhecer em projetos desenvolvidos outrora uma justificativa sólida para seguir em frente e por entender que tais projetos não possuíam vínculo com o preocupante contexto que se desenhava a *partir de* 2016, com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, quando já despontavam com grande evidência, em contexto político nacional, diversas agressões discursivas e físicas travestidas de manifestações, as quais são uma contínua renovação dos legados e feridas coloniais⁷ e que culminou nas eleições de 2018 e na realidade que se seguiu. Em suma, para mim, as opções descoloniais evidenciaram-se com maior ênfase nesse momento, muito embora tais opções existam, na América Latina, desde o século XVI (MIGNOLO, 2008c, p. 04).

Nesse ensaio, além de me deter na relação entre *opções descoloniais* e o ensaio biográfico fronteiro ensejo desenvolver a concepção do ensaio como um texto eminentemente político, visto que tanto o contexto que me levou a desenvolver essa pesquisa assim como o texto em si mostram que pensar e escrever sob o prisma da perspectiva descolonial significa assumir uma posição em face aos legados coloniais e, por extensão, a colonialidade. Tal objetivo ganha forma, uma vez que minha formação na área de Letras não cerceia a tese que desenvolvo ao ensaio literário. Argumento no sentido de, em um primeiro momento, esclarecer que se torna possível escrever uma tese acerca do ensaio biográfico fronteiro a *partir da* perspectiva descolonial e, em um

⁷ Duas das feridas coloniais que foram evidenciadas nesse momento político foram o machismo (hierarquia de gênero, que privilegia homens em detrimento de mulheres) e o fundamentalismo religioso (hierarquia espiritual/religiosa, que privilegia religiões cristãs em detrimento de outras). Nesse sentido não é demais lembrar do famigerado “tchau, querida”, que era orgulhosamente vociferado no momento em que membros da câmara dos deputados votavam acerca do impeachment, do fundamentalismo religioso que acompanhava as justificativas dos votos (como, por exemplo, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, famoso bordão Bolsonaro, que, em 2018, encabeçaria a campanha de Jair Messias Bolsonaro para a presidência) e do infame adesivo que era *ostentado* em carros, no Brasil, entre 2015 e 2016, no qual a presidente Dilma Rousseff aparecia de pernas abertas e sua genitália era o bocal do veículo, portanto no momento do abastecimento a mangueira do tanque de gasolina era inserida simulando a violência sexual.

segundo momento, são as opções descoloniais que grassam na América Latina que me auxiliam a estabelecer a constituição política do ensaio, uma vez que opções desse teor são de natureza *ética, política e epistêmica* (MIGNOLO, 2008b, p. 241).

Desde março de 2020, desenvolvo a concepção de que o ensaio biográfico fronteiro é um *processo de pensamento* (MIGNOLO, 2020, p. 146) possível para aqueles que vivem e sabem que vivem sob o domínio da colonialidade e que tem suas formas de ser, saber, sentir e estar no mundo cerceadas por *opções* impostas pela modernidade tutelada pela colonialidade. Pela lógica moderna, o ensaio é um gênero textual literário híbrido que se debruça sobre determinado tema sem o esgotar. Em contraposição, a opção descolonial desponta como um conceito que me auxilia no processo de descolonização do gênero ao realçar que o ensaio, pela minha perspectiva, não se delimita a um gênero textual escolhido para se falar sobre determinado tema sem exaurir o *objeto* da reflexão desenvolvida.

Opções, sejam aquelas ofertadas pela modernidade ou as que emergem de uma perspectiva descolonial, implicam em posicionamento político, econômico, religioso, cultural. Em suma, opção é posição e até mesmo a suposta neutralidade política e epistêmica significa um posicionamento. Não tenho a *opção* de existir no mundo sem me posicionar e as escolhas feitas ao longo da vida, a exemplo da minha mudança de projetos, denotam um *processo de pensamento* que converge para a construção de um posicionamento face a lógica colonial. Em síntese optar é escolher e escolher é delinear uma posição no mundo, ou seja, a opção, qualquer que seja, moderna, pós-moderna, estruturalista, pós-estruturalista, descolonial é um ato político e uma forma de reafirmamos nossa existência. Contudo, existem aquelas opções, derivadas da matriz colonial de poder, cuja existência depende de sua autoafirmação a partir de suas existências universalizadas e não da coexistência combativa.

Por isso, não restrinjo o ensaio biográfico fronteiro ao ambiente acadêmico, visto que, além de reconhecer o lastro epistemológico necessário a uma proposição outra de ensaio, entendo que a colonialidade do saber que pulsa nas universidades não somente se retroalimenta, mas é reflexo e consequência da colonialidade latente do discurso de modernização e que chega aos centros acadêmicos por meio da adesão de teorias itinerantes que aportam na América Latina em sentido Norte - Sul. Nessa seara, a opção é política (assume posição no mundo), epistêmica, dado que se desvincula *dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento* (MIGNOLO, 2008, p. 290), e uma escolha de vida (escrever algo).

As opções descoloniais, subsidiadas pela lógica da coexistência combativa (MIGNOLO, 2008b, p. 241), mostram que existem caminhos e possibilidades outras para além daquela opção (universal) com a qual nos presenteou a modernidade. O que diferencia uma opção da outra são as lógicas que as sustentam. Posso imaginar opções descoloniais convivendo de forma combativa com opções modernas e em um cenário no qual não sejam as mais escolhidas. Todavia, o contrário, opções que emergem da modernidade convivendo com opções descoloniais, exige certo grau de imaginação.

A modernidade / colonialidade é responsável por propalar o conceito de progresso e desenvolvimento como sinônimos de vitalidade e do viver bem, em síntese, qual mentalidade se não a modernidade/colonialidade, incorporadas no neoliberalismo, exerce influência e domínio na criação da falsa dicotomia concebida durante o período da pandemia de covid-19, “economia ou vida?”. A consequência desse discurso foi, como sabemos, no Brasil, 687 mil mortos (seiscentos e oitenta e sete mil), até o momento, e, no mundo, 6. 566. 258 (seis milhões quinhentos e seiscentos e seis mil duzentos e cinquenta e oito) mortos pela doença. Essa lógica neocolonial do viver para trabalhar impõe aos corpos prazos de validade segundo ao qual uma vida é válida à medida de sua utilidade e produção econômica, ou seja, a vida é considerada enquanto produz. Em contraposição a esse pensamento, é que argumento em favor das opções descoloniais como escolhas *de e pela* vida. Nesse sentido contrapõe-se à lógica do acúmulo e do vitalismo dos corpos, que subsidiam as principais cosmologias ocidentais: cristianismo, capitalismo, marxismo.

Nossos corpos não são portos de recepção de teorias acadêmicas e não são formados para o aprendizado ou a recepção de uma única forma de conhecimento, de fato são previamente preparados ao longo dos anos anteriores a nossa própria existência e continuamente moldados por percepções e, no vocabulário moderno, visões de mundo (MIGNOLO, 2017, p. 20) que nos apresentam conhecimentos subsidiados pela modernidade como modelos. Desprender-se dessa *herança* delegada pela modernidade requer, em outras palavras, que escolhamos opções descoloniais. Não é demais repetir primeiro para nós mesmos e depois para o outro que *pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos* (MIGNOLO, 2020, p. 159).

No âmbito político, por exemplo, opções descoloniais são de menor demanda em detrimento das opções ofertadas pela modernidade (direita, esquerda, centro) a tal ponto que Walter Mignolo assinala, em *La idea de América Latina* (2005), que o boliviano Evo Morales foi o político que introduziu a opção descolonial como guia da política estatal (MIGNOLO, 2005, p. 210), ao propor o viver bem e não o viver melhor ou melhor do que

os outros (MIGNOLO, 2005, p. 209), em comparação aos outros políticos da América Latina, Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil), Néstor Kischner (Argentina) e Michelle Bachelet (Chile), os quais se concentram em *jogar as regras do jogo* (MIGNOLO, 2005, p. 210) e delas tirar bom proveito. No Brasil, escolhemos se somos de direita, centro ou de esquerda (caso nos identifiquemos minimamente com o que propões cada uma dessas ideologias políticas), ou ainda podemos alegar que não nos identificamos nem com uma e nem com outra opção (muito menos com as suas variantes) e voltamos a recair na questão do desejo pela neutralidade. Escolhas restritas àquelas propostas pela lógica moderna apresentam como consequência uma onda conservadora que assolou a América Latina a partir de 2010⁸. A ascensão de políticos direitistas-conservadores, na prática, significou um retorno às feridas que nunca foram, de fato, curadas. Em especial, no Brasil, e ainda sobre o contexto político, as opções feitas têm mostrado com grande eficácia e visibilidade que os legados e as feridas coloniais implícitas à colonialidade e modernidade não foram superadas, pelo contrário, são continuamente reafirmadas e ostentadas com regozijo.

Nesse contexto, movimentos sociais na América Latina indicam duas direções, uma das quais é contemplada pelas opções descoloniais: a ascensão de governos de direita e, com eles, a emergência de uma retórica que advém da matriz colonial de poder e, portanto, provém da colonialidade.

Retomo a pergunta “*Quais são os desafios das opções descoloniais hoje?*”. O primeiro desafio consiste em traçar um contexto histórico, na América Latina, a partir do qual se tornou possível falar em opções descoloniais. Torna-se imperativo também que tal genealogia se estenda ao momento atual, visto que *opções descoloniais* são assim denominadas em face ao colonialismo e a colonialidade, fenômenos que se propagam e estão entranhados na atualidade. Nesse sentido, devemos voltar atenção tanto para acontecimentos históricos passados, mas que possuem reflexos, quanto para o contexto atual.

⁸ Argentina: Mauricio Macri (2015 - 2019), Bolívia: Jeanine Áñez (2019 - 2020), Brasil: Jair Messias Bolsonaro (2019 - 2022), Chile: Sebastián Piñera (2010 - 2014, 2018 - 2022), Colômbia: Iván Duque Márquez (2018 - 2022), Costa Rica: Rodrigo Chaves (2022), El Salvador: Nayib Bukele (2019), Equador: Lenín Moreno (2017 - 2021) e Guillermo Lasso (2021), Guatemala: Otto Pérez Molina (2012 - 2015), Alejandro Maldonado (2015 - 2016), Jimmy Morales (2016 - 2020) e Alejandro Giammattei (2020), Honduras: Porfirio Lobo Sosa (2010 - 2014) e Juan Orlando Hernández (2014 - 2022), Panamá: Ricardo Martinelli (2009 - 2014) e Juan Carlos Varela (2014 - 2019), Paraguai: Federico Franco (2012 - 2013), Horacio Cartes (2013 - 2018) e Mario Abdo Benítez (2018), Peru: Pedro Pablo Kuczynski (2016 - 2018), Manuel Merino (2020 - 2020) e Francisco Sagasti (2020 - 2021), Uruguai: Luis Alberto Lacalle Pou (2020).

Em especial, no Brasil, *opções descoloniais* defrontam-se com uma colonialidade vigente e pulsante resultado da vitalidade da matriz colonial de poder. Walter Dignolo desenvolve três cenários nos quais os futuros globais se desdobram: reocidentalização, *desocidentalização* e *descolonialidade*⁹. Dessas três vertentes, interessa-me, por ora, a desocidentalização¹⁰, visto que é nela em que o crítico argentino situa o Brasil no grupo de países emergentes envolvidos no projeto de desocidentalização, isto é, envolvidos na busca pela apropriação do capitalismo, não em sua rejeição, dessa forma permanecendo *dentro dos limites da sociedade ocidental* (MIGNOLO, 2017, p. 28).

No Brasil, opções descoloniais despontam em diferentes frentes e são encontradas principalmente nos centros universitários e grupos de pesquisa que escolhem a perspectiva descolonial. Uma segunda direção abrange ações ocorridas também na América Latina, em julho de 2021, como um todo e consiste na derrubada de monumentos / estátuas que homenageiam colonizadores ou personagens “descobridores” que participaram de ações que refletem o colonialismo e a colonialidade.

Nesse sentido é mais proeminente as opções descoloniais enquanto opções de vida (práxis de viver), em que determinada narrativa é questionada pela contrapartida dessa mesma história, afinal há de se perceber que se o monumento de Manuel de Borba Gato, derrubado em São Paulo, no dia 24 de julho de 2021, conta a história de alguém que desempenhou papel decisivo na propagação do avanço colonizador e na escravização de seres humanos (indígenas e negros), existe o lado daqueles que sofreram tais consequências.

Movimentos sociais como aqueles em que o grupo *Revolução periférica*¹¹ desenvolve e participa, a exemplo da derrubada de monumentos, são formas de re-surgência e re-existência que emergem diante de memórias, o monumento de Borba Gato, por exemplo, que endossam e relembram continuamente a narrativa de conquista e progresso da modernidade e colonialidade. Tais práticas, assim como o ensaio

⁹ Tal como justificado na nota de rodapé na^o 1, a denominação desenvolvida nesse ensaio é *descolonia*. O termo descolonial reaparece uma vez que Walter Dignolo se vale dessa denominação ao longo do seu texto.

¹⁰ Desocidentalização é a política das economias emergentes, como o Brasil. Esse sentido, é um processo ocorrido no seio da modernidade / colonialidade, no qual o conceito de Ocidente é operado pela modernidade / colonialidade e seus principais atores, como Estados Unidos, são questionados.

¹¹ O grupo *Revolução periférica* se apresenta como uma central de movimentos *pela e para* as periferias de todo o Brasil voltada para o desenvolvimento de ações que objetivem contribuir para o fim da opressão de gênero, raça e classe. Nesse sentido, o grupo se define como anticapitalista, antirracista e antipatriarcal. Cf. <https://www.instagram.com/revolucaoperiferica/>.

biográfico fronteiriço, são possibilidades existentes no interior de uma miríade de reações aos legados e feridas coloniais.

As críticas feitas aos que derrubaram o monumento a Borba Gato certamente não consideraram, na época, ou escolheram ignorar sumariamente, que tal monumento de um personagem essencial à narrativa de progresso e modernização da modernidade foi construído por cima de mortes e demais violências. Opções, como as que mencionei, que questionem ativamente a modernidade e, por extensão, a colonialidade, sem vislumbrarem elas próprias serem as únicas opções possíveis de existir e estar no mundo, não serão opções construídas por sobre *as ruínas e memórias da Civilização Ocidental* (MIGNOLO, 2008, p. 295).

Referências

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro-Mundo. In: CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; PEDROSA, Adriano (Orgs). **Histórias das mulheres, histórias feministas**: antologia. São Paulo: MASP, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>> Acesso 01 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf> Acesso em 02 de nov. 2022.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais**: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter. Novas reflexões sobre a "idéia da América Latina": a direita, a esquerda e a opção descolonial. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/MXjkNYT8BhfGSKg38P46csk/?format=pdf&lang=pt>> Acesso 03 de nov. 2022.